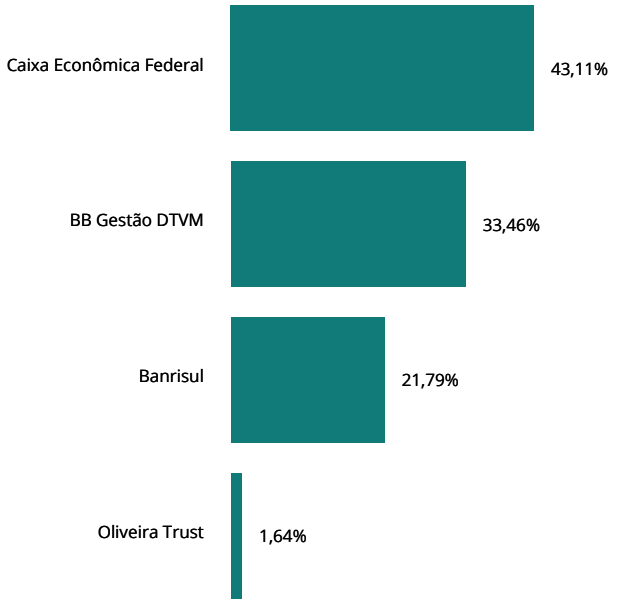
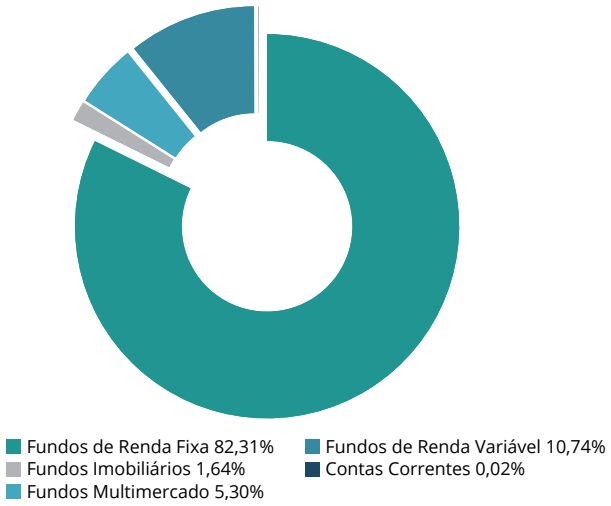
FPSM - BOA VISTA DO SUL

Os recursos do FPSM - Boa Vista do Sul são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



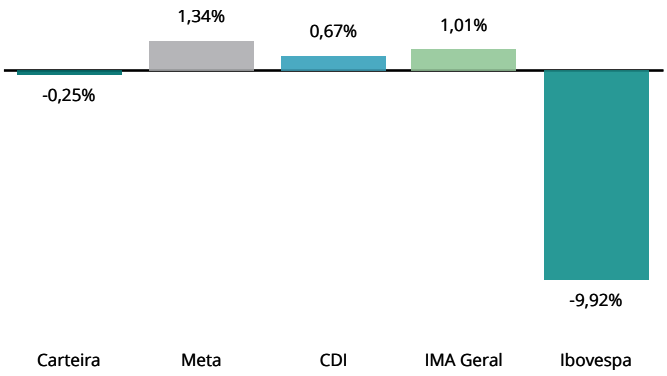
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



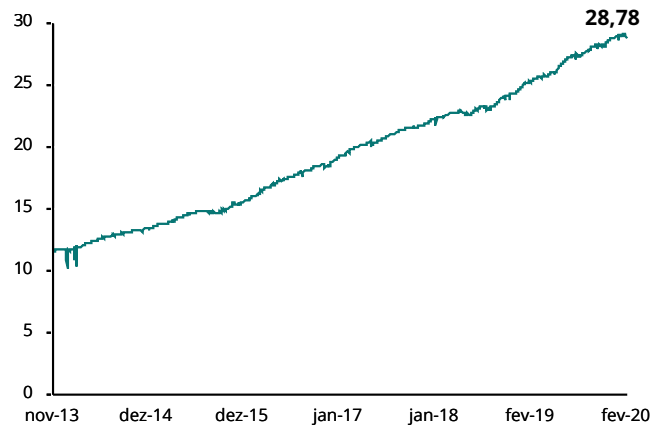
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
FPSM - Boa Vista do Sul	-0,67%	-0,25%	11,63%
META ATUARIAL - INPC + 6% A.A.	0,66%	1,34%	10,08%
CDI	0,29%	0,67%	5,56%
IMA GERAL	0,45%	1,01%	11,29%
IBOVESPA	-8,43%	-9,92%	10,11%

CARTEIRA X INDICADORES EM 2020



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R$ MILHÕES)



FPSM - BOA VISTA DO SUL

Fevereiro começou com a ameaça do coronavírus, nomeado Covid-19, assombrando os mercados ao redor do mundo. Diversas empresas, inclusive brasileiras, estavam temendo uma possível quebra em suas cadeias de produção devido à interrupção de produção e exportação de matérias-primas provenientes da China. Esses temores acabaram se concretizando para algumas delas, que tiveram que diminuir ou até interromper temporariamente sua produção ao longo do mês, sacrificando lucros e crescimento.

A situação se agravou com o aumento de casos da doença fora da China, principalmente no Irã, Coréia do Sul e na Itália, que se tornou o país com maior número de focos depois da China. Além disso, o aumento de incertezas sobre a transmissão do vírus, causado pela descoberta de pessoas que apresentaram os sintomas após serem liberadas da quarentena, provocou fortes preocupações nos mercados globais, o que se refletiu em quedas generalizadas nas bolsas ao redor do mundo na última semana do mês.

Nesse cenário de estresse, o governo chinês anunciou diversas medidas visando estimular a economia local. Já nos primeiros dias de fevereiro, o Banco Popular da China injetou US$ 21,7 bilhões em seu sistema financeiro em uma tentativa de reduzir a queda inevitável de suas bolsas, que abriam pela primeira vez após o feriado do Ano Novo Lunar chinês. Junto disso, o Ministério das Finanças declarou que subsidiaria o pagamento de juros de empresas que fossem afetadas pela epidemia.

Outras ações tomadas pelo governo da China foram reduções nas taxas de juros de curto e médio prazo, de forma a facilitar os empréstimos para empresas abaladas pelo coronavírus. Mesmo com essas medidas, a produção industrial do país apresentou a maior retração em décadas, com o Índice de Gerentes de Compras (PMI) do setor caindo para 35,7 pontos, bem abaixo dos 50 pontos que separam o sinal de expansão e o de contração da atividade.

Também em fevereiro, foi anunciado o corte de tarifas sobre US$ 75 bilhões em produtos dos Estados Unidos, ação que fazia parte da primeira fase do acordo comercial entre os dois países, assinado em janeiro deste ano.

Em fevereiro, o maior acontecimento dos Estados Unidos não foi relacionado ao coronavírus, mas sim ao cenário político. O processo de Impeachment do presidente Donald Trump chegou ao fim no Senado ainda na primeira semana do mês, com a casa absolvendo-o de todas as acusações. Tal acontecimento já era amplamente esperado, dado que o Partido Republicano, do qual Trump faz parte, detém a maioria das cadeiras.

O país norte-americano se viu pouco afetado pelo surto do Covid-19, tendo como pior consequência à sua economia a redução dos lucros projetados por empresas que possuem fábricas na China. Por isso, o governo estadunidense não anunciou medidas relacionadas ao coronavírus, que até o fim do mês não havia comprovadamente infectado nenhum residente do país.

De acordo com o PMI industrial e de serviços dos EUA, ambos os setores apresentaram expansão de suas atividades no mês, com o primeiro passando para 50,7 pontos e o segundo, para 57,3 pontos. Esse resultado foi reflexo da robustez de sua economia, que ainda não sentia os efeitos da epidemia crescente ao redor do mundo.

Já a zona do euro, que se viu mais afetada pelo surto na segundo quinzena de fevereiro, continuou apresentando resultados fracos em suas divulgações ao longo do mês. A prévia do PIB de 2019 da região foi de 1,2% de crescimento, com Alemanha estagnando no último trimestre do ano e França e Itália apresentando queda em seus produtos internos. Já a produção industrial de dezembro na região apresentou queda de 2,1% frente ao mês anterior.

A grande animação do mês foi a divulgação de um PMI Composto acima das expectativas para janeiro, que passou para 51,6 pontos. No entanto, essa melhora provavelmente foi descontinuada durante fevereiro devido ao aumento do número de focos do coronavírus em diversos países europeus.

Aqui no Brasil, o mês começou com reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), na qual foi decidida uma redução de 0,25 ponto percentual na taxa Selic e a interrupção nos cortes, de forma a acompanhar os efeitos desse ciclo antes de tomar novas decisões. No entanto, a crescente preocupação sobre a atividade econômica e novas notícias sobre o Covid-19, acabaram por reduzir a confiança de que não haveria mais cortes nas reuniões seguintes, o que afetou o mercado de juros.

Seguindo a linha de estímulo à economia, o Banco Central também decidiu na segunda quinzena do mês por reduzir o depósito compulsório de recursos a prazo de 31% para 25%, além de revisar seu índice de liquidez, eliminando a necessidade de os bancos manterem alguns ativos em sua carteira para segurança. Essas medidas entrariam em vigor no mês seguinte, quando seriam liberados R$ 135 bilhões na economia.

No cenário político o mês fevereiro parecia promissor, com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, criando um grupo de trabalho composto por 25 senadores e 25 deputados para discutir e juntar as duas propostas de reforma tributária que corriam separadamente nas duas casas. Poucos dias antes, o governo federal preparava uma proposta de mudança na Legislação para o país se adequar ao Acordo de Compras Governamentais (GPA), e passar a permitir que empresas estrangeiras participassem de processos licitatórios, mesmo não tendo filial no país, com a finalidade de aumentar a concorrência e reduzir a corrupção. Ambos os processos apresentaram continuidade durante o mês.

No entanto, o período terminou de forma bastante turbulenta, com conflito entre o governo e o Congresso se acirrando por conta do orçamento impositivo, cujo controle tem sido disputado pelos dois poderes. Em meio à tensão, o presidente Jair Bolsonaro divulgou um vídeo em que convocava a população a se manifestar em favor do governo, o que aumentou o atrito com o Congresso.

Ainda, durante o mês o país foi retirado da lista de nações em desenvolvimento pelos Estados Unidos, perdendo as vantagens de tratamento que tinha com esse status. No entanto, essa retirada era esperada, pois havia sido parte do acordo entre os dois países, em troca do apoio norte-americano à entrada do Brasil na OCDE.

Em relação a indicadores, fevereiro foi um mês de decepção com dados divulgados da atividade econômica. A produção industrial de dezembro, por exemplo, apresentou queda de 0,7% frente ao mês anterior, desempenho pior do que as expectativas, que eram de queda de 0,5%. Enquanto isso, as vendas do varejo mostraram queda de 0,1% em dezembro, depois de 7 meses em ascensão, frustrando as expectativas de alta para o setor. Também, o setor de serviços apresentou queda de 0,4% no último mês de 2019, piorando de vez as expectativas em relação a retomada econômica brasileira.

O alento veio com o desemprego e as contas externas de janeiro. A taxa de desemprego foi de 11,2%, abaixo dos 11,3% esperados pelo mercado. Em relação às contas externas, apesar de as Transações Correntes apresentarem um déficit de US$ 11,9 bilhões, levemente maior que os US$ 11,2 bilhões projetados, o Investimento Direto Estrangeiro supriu a necessidade de financiamento, no cálculo em 12 meses, algo saudável para a economia que não teve que financiar a diferença através de dívidas.

Na parte fiscal, as notícias também vieram positivas em fevereiro. Foi divulgado o resultado primário de janeiro, que apresentou superávit de R$ 44,124 bilhões, bastante acima do mesmo mês no ano anterior, o que animou o mercado em relação à situação das contas públicas. Ainda, foi noticiado que a dívida pública apresentou sua primeira redução em relação ao PIB em 6 anos, fechando o ano de 2019 em R$ 5,5 trilhões, equivalente a 75,8% do produto do país.

Com essa junção de fatores, mas afetado principalmente pela preocupação trazida pelo coronavírus, fevereiro trouxe resultados negativos para a renda variável, cujo principal índice, o Ibovespa, fechou em queda acentuada o período. Já a renda fixa apresentou resultados melhores, dado que sob o risco de arrefecimento da atividade econômica as expectativas em relação à taxa de juros diminuíram, o que favoreceu o segmento.